



ENSAIO



Discurso em disputa e transindividuação: sentidos de paternidade e masculinidade na campanha da Natura

Carlos Henrique Bem Gonçalves, *Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC (PPGL/PIPD-CAPES)*

Resumo. Este trabalho analisa a batalha discursiva em torno dos significados sobre paternidade nas redes sociais. A presença de um homem trans numa campanha publicitária sobre o “dia dos pais” de uma empresa de cosméticos disparou a convocação ao boicote à empresa protagonizada por um conhecido pastor evangélico neopentecostal. Baseados na teoria da individuação e conectados a uma perspectiva de linguagem insubordinada, conhecida como *Linguística Queer*, analisamos os efeitos de sentido dos discursos em disputa. Apontamos que a cisheteronormatividade se apresenta na forma de batalhas discursivas que pretendem regular, autorizar, punir e (des)legitimar os corpos que podem ser socialmente reconhecidos como “pais de verdade”.

PALAVRAS-CHAVE: Cisheteronormatividade. Transindividuação. Discurso. *Linguística Queer*.



Introdução

A forma como nos constituímos enquanto indivíduos já foi tema de investigações epistemológicas e debates teóricos intensos, sobretudo no campo da filosofia que tem refletido sobre as pretensas estabilidades nesse processo e as rupturas inerentes a ele. Muitas teorias ignoraram o devir nesse movimento de constituição do ser considerando seus aspectos biológicos, psicossociais, físicos, sociais e culturais. Para sustentar esse argumento nos ancoraremos na teoria da individuação de Gilbert Simondon (1989, 2020) e estabeleceremos relações com a Linguística *Queer* (Bem Gonçalves, 2019, 2024; Borba, 2014, 2015, 2020; Lewis, 2018; Lívia e Hall, 2010; Santos Filho, 2020) derivada das contribuições da teoria da performatividade, da filósofa Judith Butler (2015), para analisar uma interação polêmica nas redes sociais quando a empresa Natura lançou uma campanha publicitária alusiva ao “Dia dos Pais” em que um homem trans aparece com uma das personagens da campanha.

Uma das principais contribuições do pensamento filosófico de Simondon (1989) é refletir sobre a questão da “forma” como uma cadeia conceitual que agrega as noções de metaestabilidade, campo de intensidade, energia potencial e informação. Para o filósofo a “forma” é pensada como informação e não mais como princípio de individuação, deixando de ser compreendida no modelo tradicional de transmissão de informação (emissor - receptor) de forma estável e quantificável, passando a ser entendida como uma relação complexa de trocas, irreversível e significativa já que os sujeitos emergem na interação por meio de um fundo pré-individual que passa a atuar como indivíduo, mas também como meio de transmissão de uma mensagem. Desta forma, a individuação é o ponto central de reflexão nas interações – offline, mas também online – já que o importante é “conhecer o indivíduo através da individuação e não a individuação a partir do indivíduo” (Simondon, 1989, p. 12).

O filósofo observa os processos de correlação e reciprocidade a partir da noção de campo magnético, oriundo dos estudos da física. Nesse caso, observa as características de imantação quando da inserção de uma barra de ferro não-imantada num determinado campo magnético. Simondon (1989) observa que quando essa barra se insere no campo ela passa por uma transformação e absorve as características de imantação a partir dos ímãs que já formavam esse campo. Sendo assim, a barra não-imantada se torna parte integrante desse mesmo campo



constituindo-se como “cidadã da república do conjunto, como se ela própria fosse um imã criador desse campo” (Simondon, 1989, p. 44). Essa observação sobre o campo magnético possibilitou que o filósofo concluísse que há um campo de forças no qual a interação entre as partes se traduz em “processos muito mais refinados por intermédio do todo onde intervêm mudanças seletivas” (Simondon, 1989, p. 46).

No entanto, não é possível estabelecer relações diretas entre a “forma” com estabilidades ou probabilidades já que os indivíduos estariam, em todas as suas formas físicas, biológicas, psicossociais e culturais, num estado provável de morte. Para Simondon (1989), o estado de morte é a degradação porque nenhuma transformação pode ser realizada sem que haja uma intervenção de energia exterior ao sistema degradado, ou seja, uma estrutura não poderia ser transformada ou modificada sem que haja uma força externa que atue sobre esse sistema de forma que possa fazê-lo se modificar. O estado de morte é um estado estável, fixo, rígido porque não possui um embrião de devir. Com isso, a pretensa ideia de estabilidade e homogeneidade de um campo de forças não é o que, necessariamente, produz formas estáveis e significativas, mas uma contínua repetição dessa forma em domínios novos, como é o caso da internet, na sociedade contemporânea.

Na perspectiva da teoria da individuação a possibilidade de um equilíbrio dentro desse campo de forças somente se dá por meio da metaestabilidade já que esse sistema não se mantém em estabilidade, mas numa essência de intensidade que possui um alto nível de energia potencial. Pensar a metaestabilidade significa imaginar esse sistema como operador de processos interativos de forças que garante a continuidade do sistema por meio da repetição dos padrões energéticos e da assimilação de novos integrantes para esse campo. Por isso, um campo metaestável atua para positivar o processo exercendo certo poder e força sobre o outro de modo que esse campo não desapareça.

Simondon (2020), compreende que emoção e afeto são dimensões do ser que possibilitam dilatar o entendimento da constituição desse ser. Frente a isso, recorre aos estudos da psicologia para formular que o psiquismo é um campo formado por sucessivas individuações que possibilitam a comunicação dessas particularidades para resolver *tensões* – também nomeadas pelo filósofo como *problemáticas* – já que a individuação psíquica, para Simondon (2020), diz respeito a um estado de evolução mental de um indivíduo ancorado nas emoções, na percepção de mundo e na significação. Na formação dessa individuação psíquica o indivíduo poderia transcender seus limites, muitas vezes



impostos pelo próprio sistema de forças no qual se insere como cidadão, adotando um movimento transindividual, quando o indivíduo poderia romper com a problemática da individuação recorrendo a novas tensões e, de certa forma, assumindo um protagonismo dentro do próprio sistema em que faz parte, deixando de ser um indivíduo que apenas repete em cadeia as normas e regras desse sistema. Dessa forma, o transindividual é aquele indivíduo que está em permanente devir no mundo e não mera reprodução substancial no mundo que habita. Para Simondon “é preciso partir da individuação, do ser apreendido em seu centro segundo a espacialidade e o devir, e não de um indivíduo substancializado diante de um mundo estranho a ele” (Simondon, 2020, p. 25).

Frente a isso, um componente imprescindível para se pensar o transindividual é a informação. Para Simondon (2020), a informação é um campo de tensão entre dois polos de energias que interagem. Isso porque a informação é o mecanismo que possibilita a individuação, sendo, portanto, impossível existir individuação sem informação. De acordo com o filósofo, a informação é um processo contínuo de transformação que está ancorado no próprio devir de individuação daqueles que participam de uma dada interação.

Nosso entendimento é que a informação constitui a individuação, no entanto, para existir individuação, informação e a possibilidade de protagonismo transindividual - que passaria a questionar o sistema em que está constituído como indivíduo - é necessário que esse processo aconteça na/pela linguagem. Desta forma, pretendo aproximar o construto filosófico de Simondon às minhas pesquisas sobre gênero, constituição de identidades, sexualidade e estudos da linguagem me ancorando num campo de pesquisa que tem sido nomeado de *Linguística Queer*.

Da potência *queer* na linguagem

O uso do termo em inglês “*queer*” que, inicialmente, fora utilizado como um insulto e ofensa à homossexualidade resultaram num consolidado campo de estudos (Bento, 2014; Butler, 2002; Louro, 2008; Miskolci, 2014, 2015; Saéz e Preciado, 1997) que investigou, entre outras questões, como um insulto verbal pode se tornar instrumento de apropriação linguística e possibilitar deslocamentos no seu significado de forma a gerar sentidos de orgulho, pertencimento, contestação e



resistências às hegemonias, notadamente, aquelas relacionadas às questões de gênero e sexualidade, apontadas por estes estudos como “heterossexualidade compulsória”.

Nosso objetivo não é traçar esse histórico já documentado na literatura científica, mas recorrer às recentes conceituações de cisheteronormatividade e cisheteronormatividade como estruturas sociais naturalizadas para sedimentar o caminho que pretendemos percorrer no objetivo deste trabalho. Para isso, recorreremos às epistemologias transfeministas, derivadas destes estudos *queer* citados, acima.

Segundo Viviane Vergueiro (2015, p. 57) a cisgeneridade se localiza na coerência entre sexo, gênero, desejo e práticas sexuais, “englobando, via cisheteronormativizações, possibilidades definitórias restritas para corpos e identificações, bem como regulações sobre expressões de gênero.” Por outro lado, conforme a transfeminista, a heterossexualidade é um processo de reconhecimento de desejos e práticas sexuais que está interligado com a genereficação dos corpos. Esse movimento interseccional entre a heterossexualidade e a cisgeneridade é produzido e sustentado por normas sociais e estruturas de poder, sendo apresentado como algo natural e alinhado, o que possibilita “uma potencial problematização do termo ‘hetero’ para se pensarem tanto as normatividades de desejos e práticas sexuais quanto para se pensarem as regulações do sistema sexo-gênero: cisheteronormatividade” (Vergueiro, 2015, p. 57).

Para Beatriz Bagagli (2013) a cisheteronormatividade está organizada num conjunto de regras que estabilizam poderes institucionais e não institucionais. Elas têm como um dos efeitos a produção da cisgeneridade como sinônimo de identidade de gênero, ou o que se espera que seja projetado como identidade de gênero, de forma que ela se naturalize como uma expressão “natural”, “biológica”, “congruente” entre sexo biológico e identidade.

Nesse processo de construção se naturaliza a suposta espontaneidade da cisheteronormatividade já que nos parece que ela está localizada num conjunto de “estruturas, instituições, relações e ações que promovem e produzem a heterossexualidade – e aqui acrescentamos a cisheteronormatividade - como natural, autoevidente, desejável, privilegiada e necessária” (Cameron; Kulick, 2003, p. 55).

O linguista Danilo Silva (2020) sugere que a cisheteronormatividade se trata de um produto da “materialização discursiva” (Motschenbacher, 2011, p. 153) que estabiliza as identidades sexuais e de gênero e destaca os processos histórico-linguageiros de



citação e recitação de normas hegemônicas produzindo “graus elevados de materialização discursiva exatamente quando alcançam efeitos de evidência, naturalidade e neutralidade” (Silva, 2020, p. 291).

Dito isto, para analisar as interações discursivas que envolvem esse contexto cisheteronormativo e compulsoriamente heterossexual, me afilio à Linguística *Queer*. Trata-se de um campo de pesquisa indisciplinar da linguística aplicada que tem como escopo central um exercício crítico às normatividades, buscando colocar em dúvida os processos hegemônicos nas construções de identidades, expressões de gênero e sexualidade. Nesse caso, estaríamos diante de um grupo de pesquisadores que podem ser entendidos como transindividuais, nos termos de Simondon (2020), já que se trata de indivíduos que passam a contestar as regras de um sistema de produção de conhecimento – a linguística – que possui formas e estruturas bastante rígidas no modo de fazer pesquisa. Daí a ideia de se propor uma Linguística *Queer*, ou seja, um campo de pesquisa inter e indisciplinar dentro da linguística que passa a contestar essas estruturas rígidas, ou seja, um exercício da transindividualidade.

Além disso, minha afiliação à Linguística *Queer* (LQ, doravante) pretende atender ao chamado do linguista Rodrigo Borba (2015) para quem é necessário *queerificar* os estudos linguísticos e isso significa adotar uma postura teórica, analítica e política na “desessencialização e desontologização da relação entre linguagem e identidades sociais” (Borba, 2015, p. 102). Conforme o pesquisador, linguistas *queer* buscam desenvolver pesquisas politicamente engajadas. Para ele, isso significa investigar e produzir uma visão mais nuançada sobre como os sujeitos utilizam da linguagem para se constituir nas limitações heteronormativas – e aqui acrescentamos cisheteronormativas – de discursos que naturalizam posições de sujeito, como a linearidade entre sexo biológico e expressões de gênero e sexualidade. Conforme Borba (2015, p. 102) “essa *queerificação* pode ter efeitos decisivos no escopo do campo dos estudos linguísticos que têm por muito tempo reduzido seus sujeitos de pesquisa a indivíduos brancos, de classe média, heterossexuais”.

O olhar politicamente engajado que linguistas *queer* adotam em suas investigações foi sistematizado por Silva (2020, p. 284) em quatro pontos que parecem se encontrar nessas pesquisas, sendo:

- a) a concepção radicalmente performativa em relação a linguagem, gênero, corpo e sexualidade;
- b) a afirmação da mediação semiótica nos processos de subjetivação e de inteligibilidade;
- c) o foco analítico



nas práticas discursivas localmente situadas; d) a impureza como vetor teórico-metodológico.

Desta forma, linguistas *queer*, em geral, se dedicam a investigar processos languageiros que lhes possibilitam desnaturalizar o uso que sujeitos fazem da linguagem (performances) apontando para tensionamentos sobre as relações estáveis e universalistas na constituição identitária dos sujeitos. Esse movimento teórico-metodológico deixa “explícito que o alcance analítico da LQ não está restrito a produzir explicações sobre performances linguísticas e identitárias de sujeitos desviantes das normas de gênero, como se fosse essa uma ‘linguística LGBT’” (Silva, 2020, p. 290).

A Linguística *Queer* é também um campo transdisciplinar e isso significa que ela busca se ancorar em categorias de análise e metodologias dos mais diversos campos, como é caso da filosofia da linguagem e da antropologia linguística.

Como tentativa de fazer um exercício prático de aproximação da filosofia de Simondon com a Linguística *Queer*, recorrerei às categorias de análise propostas pela antropologia linguística para imaginar possibilidades transindividuais de resistência em interações online no Brasil contemporâneo marcado pela ascensão da extrema-direita, notadamente, no que temos nomeado como Bolsonarismo.

Entextualização, performatividade e indexicalidade: possibilidades de resistência *queer*

A entextualização é um movimento discursivo que possibilita a descontextualização e recontextualização de um acontecimento. Para Bauman e Briggs (1990) a entextualização é a capacidade de extrair um discurso e um trecho de produção linguística – texto – que pode ser alçado do seu cenário interacional. Esse movimento é possível porque os discursos não estão, necessariamente, atrelados a um contexto em específico (Briggs, 2005, p. 273) e podem, desta forma, “ser visto não como restrito a um contexto único e limitado, mas continuamente descontextualizado e recontextualizado - extraído de certos textos, gêneros, contextos e mundos sociais e inserido em outros” (Briggs, 2007, p. 562).



Diante disso, temos que qualquer discurso pode ser extraído e transportado de um contexto ao outro, de modo que os significados vão se constituindo de forma guiada e sedimentando processos de significação por meio da interação. De acordo com Moita Lopes (2006, p. 39) “todo discurso é ideológico, uma vez que todo usuário está imbricado nos significados que produz, revelando seus interesses, valores e visões de mundo”. Sanque (2020, p. 44) sedimenta esse pensamento ao inferir que a entextualização acontece como produto de “escolhas ideológicas” de modo que os significados produzidos sejam, posteriormente, recontextualizados.

Esse movimento de entextualização só é possível se o signo se deslocar de um contexto ao outro num constante círculo de repetição e inovação que Derrida (1977) chamava de *differance*, ou seja, repetição e inovação nos processos de significação. Para Pennycook (2010), a repetição mesmo ‘da mesma coisa’ sempre vai produzir novos significados, ou seja, a repetição de uma palavra, de uma frase, sempre vai se renovando de acordo com o contexto em que é repetido já que “repetir um processo nunca o faz idêntico ao primeiro, pois a própria repetição é um fator de mudança” (Blommaert, 2014, p.9). A linguista Branca Fabrício (2012, p. 05) infere que

a sucessiva entextualização-descontextualização-recontextualização produz, em cada fase, um discurso reconfigurado e um novo texto contendo traços de contextos antecedentes e do entorno emergente – um texto que tem uma história única atendendo a regularidades socioculturais e também à contingência efêmera.

Nesse complexo movimento de entextualizações é possível observar que os textos circulam numa trajetória (Blommaert, 2005; Fabrício, 2012), “constantemente respondendo a textos anteriores e sendo recontextualizados em práticas discursivas posteriores” (Sanque, 2020, p.74). Os linguistas Blommaert e Rampton (2011, p. 11), dizem que “a construção do significado e a interpretação são vistos como momentos na mobilidade de textos e enunciados para os caminhos através dos quais textos enunciados viajam”.

Esse movimento de entextualização me parece estar diretamente relacionado com os conceitos de ato performativo e performatividade. A filósofa Judith Butler (2002, p. 69) explica que o ato performativo está relacionado com uma “cadeia de repetições que se sustenta num poder moral vinculante” e que a performatividade acontece quando “um ato performativo autoriza, desautoriza (ou pune) uma série de relações



sociais ou sexuais (exercendo certo poder sobre o outro)” que manteria uma estrutura rígida, ou seja, a heterossexualidade compulsória e, aqui, acrescento a cisheteronormatividade, quando as regras da vida em sociedade passam a impor padrões de vivência em que pessoas trans são retiradas das suas autonomias para vivenciar suas expressões de gênero.

Entextualizar, então, é um dos efeitos da performatividade, quando os grupos sociais se movimentam no tecido social para exercer poder na tentativa de manter em funcionamento essa estrutura rígida, mas também uma possibilidade para que grupos subalternizados coloquem em questionamento essa mesma estrutura. Desta forma, a entextualização e a performatividade agem para indexar sentidos e significados quando falamos de corpos trans.

A indexicalidade possibilita identificar os significados que estão fixados e/ou sendo desestabilizados num dado contexto social. Fabricio (2013, p. 155) afirma que “significados e relações emergentes em interações locais estão sempre referidos a um repertório de convenções macrossociais (não redutíveis ao evento imediato)”. Por isso, olhar a linguagem como produtora de efeitos indexicais nos permite observar os signos como integrantes dessa trama de entextualização e performatividade de forma que “os signos linguísticos e não-linguísticos mobilizados referem-se a ações textuais em cadeia que indexicalizam os significados sócio-históricos entrelaçados a sistemas ideológicos de crença” (Moita Lopes; Fabrício; Guimarães, 2019, p. 5). Para Silva (2020, p. 287) a perspectiva indexical do significado “emerge no interior das interações sociais, da negociação entre sujeitos engajados em práticas discursivas, sob o efeito de modelação advindo de vetores históricos, culturais, ideológicos, em jogo na própria produção dos significados”.

No entanto, para Borba (2020b), a situacionalidade radical dos signos indexicais permite o surgimento dos sentidos de normatividade e de subversão contextualizados nas ações locais e não podem ser entendidos como anteriores ao engajamento discursivo. De acordo com o linguista, numa perspectiva *queer*, as identidades são entendidas como “fenômenos intertextuais já que, para fazer sentido, os signos usados localmente reavivam conexões com práticas, relações, grupos sociais e instituições que o usaram anteriormente” (Borba, 2020b, p. 31). Desta forma, para utilizar esse construto teórico nas investigações sobre gênero e sexualidade, o linguista orienta o seguinte caminho:



para investigarmos a relação entre cis-heteronormatividade e sua contestação não devemos tomar esses fenômenos como anteriores à prática social ou como propriedades de certos indivíduos, mas sim como emergentes de um contexto discursivo específico. A indexicalidade é o mecanismo cultural que movimenta a performatividade ao vincular nossas ações linguísticas situadas a outras “práticas que sistematicamente formam os objetos dos quais falamos” (Foucault, 1972, p. 64), ou seja, a discursos. É nessa relação entre língua e discurso que a cis-heteronormatividade e sua contestação se materializam em nossas ações diárias (Borba, 2020b, pg. 31).

Desta forma, entextualização, performatividade e indexicalidade estão intimamente imbricados num processo de produção discursiva que pretende deslegitimar a presença de um corpo transmasculino na campanha de dia dos pais. Os índices indexicais de homem e paternidade parecem ser o que estão em disputa nesses embates discursivos. Sendo assim, passaremos à análise do material.

Cis-heteronormatividade como trans-individuação

A empresa Natura anunciou que em sua campanha do dia dos pais, no ano de 2020, o ator trans Thammy Miranda, que no mesmo ano foi eleito como o primeiro homem trans vereador na cidade de São Paulo, estaria entre os contratados para protagonizar a campanha. Essa informação gerou reações de grupos conservadores nas plataformas de mídia social, sobretudo de líderes religiosos vinculados a igrejas evangélicas neopentecostais. Frente à notícia o pastor evangélico Silas Malafaia convocou um boicote à empresa de cosméticos no seu perfil pessoal na rede social *Facebook* e no antigo *Twitter*, atualmente X.

Esse trabalho se insere num contexto de avanço do neoconservadorismo, ou seja, no aumento de religiosos conservadores atuando na esfera pública alçados num discurso de defesa da moral religiosa que serviria de base para a regulação da vida social e reprodutiva da população, como afirmam Juan Vaggione, Maria das Dores Campos Machado e Flávia Biroli (2020). Lucas da Silva e Vicente Tchalian (2019), ao analisar as masculinidades cisgêneras e os controles de acesso da comunicação heteroterrorista identificaram que no Brasil contemporâneo a aversão à “ideologia de gênero”, somada ao retorno da “ameaça comunista” e das discussões acerca do aborto e direitos



reprodutivos, são estratégias que envolvem a construção de uma fantasia coletiva que será compartilhada e reproduzida. Essas repetições vão solidificando essas fantasias como sensação de verdade e, assim, performativamente vão agindo sobre os corpos, as cidades, o planeta.

Thammy Miranda passou pela transição de gênero anunciando sua identidade trans, publicamente, no ano de 2014. Ele se tornou pai em 8 de janeiro de 2020, com o nascimento de seu filho Bento, fruto de seu relacionamento com Andressa Ferreira. O processo de gestação aconteceu por meio de fertilização *in vitro* (FIV). O casal realizou o procedimento nos Estados Unidos, utilizando o óvulo de Andressa e um banco de doadores de sêmen. A escolha foi feita com base em características genéticas compatíveis com os dois. Quanto à identidade de gênero no relacionamento, trata-se de uma relação cis-trans, pois Thammy é um homem trans, e Andressa Ferreira é uma mulher cisgênero. A presença de um homem trans na campanha específica do dia dos pais de uma das maiores empresas de cosméticos travou uma verdadeira batalha em torno dos significados de masculinidade e paternidade, conforme podemos observar na publicação, abaixo.



Figura 01: Boicote incentivado pelo Pastor Silas Malafaia
Fonte: twitter.com/pastormalafaia

O convite para o boicote à marca se sustenta no incômodo do líder religioso com a presença de um homem trans exercendo o papel de pai. É possível perceber que o pastor descontextualiza a campanha ao dizer que a Natura coloca uma mulher para fazer o papel de pai, quando na verdade o vídeo publicitário¹ apresenta vários homens possibilitando a dilatação dos índices indexicais de paternidade e masculinidade, ou seja,

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w8AQe9jop8Y&t=22s>



para a campanha da Natura ser pai é quem cuida e quem está presente o que justifica o uso da hashtag #paipresente como destaque da campanha, não cristalizando a função de paternidade à biologia dos corpos – cisgêneros ou transgêneros. Ao descontextualizar a campanha, o líder religioso possibilita a recontextualização de forma que busca indexar a campanha da Natura como uma afronta aos valores cristãos, mas alinhadas às perspectivas ideológicas do seu grupo religioso.

Recorrendo a Simondon (1989, 2020) estaríamos frente a uma individuação - a do pastor - que não rompeu com o sistema cisheteronormativo em que está inserido, passando a reproduzir um campo de forças que pretende assimilar àqueles que não se reconhecem no sistema (cis-heteronormativo). A informação, neste caso, se constitui como um campo de fricção entre uma individuação que reproduz o sistema de crenças e o transindividual, ou seja, uma campanha publicitária que transcende as regras do sistema binário sexo-gênero que sedimenta os significados de paternidade e masculinidade que passam a constituir um modelo social de autorizações e punições acerca dessas regras que foram entextualizadas e indexicalizadas num processo de repetição.

Os papéis de gênero, tanto na campanha da Natura quanto na reação do líder religioso se faz presente num permanente processo de informação atrelado ao devir da individuação (Simondon, 2020). Na campanha é possível perceber um movimento performativo de ressignificação e fricção com a norma já que, no contexto cultural em que vivemos, paternidade é uma função social exercida por homens cisgêneros e masculinidade está relacionada com o distanciamento de emoções como cuidado, afeto e presença na educação e formação dos filhos. No Brasil, cinco milhões de crianças não possuem o nome do pai na certidão de nascimento de acordo com a Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais (Arpen-Brasil)² o que mostra que o exercício da paternidade se sedimenta nesse distanciamento afetivo com a prole. O oposto do que performativamente é atribuído aos papéis de gênero feminino.

O chamado ao boicote parece localizar o líder religioso na dimensão da “individuação psíquica” (Simondon, 2020) já que esse estado, como vimos, está atrelado a aspectos mentais conectados com

² Disponível em:

<https://www.conjur.com.br/2024-jan-02/brasil-registrou-mais-de-1722-mil-criancas-sem-nome-do-pai-em-2023/#:~:text=Em%202023%2C%20dos%20%2C5,da%20Transpar%C3%AAncia%20do%20Registro%20Civil.>



emoções como o medo que o pastor parece externar frente a presença de um homem trans representado de forma natural numa campanha publicitária. Além disso, a individuação psíquica está ancorada na percepção de mundo e, neste caso, a percepção do pastor é a de que ser homem depende de uma marcação biológica do órgão sexual masculino, sendo essa a percepção que resulta nos processos de significação. Isso explicaria a dificuldade que o pastor parece ter em respeitar a presença de corpos trans em espaços de visibilidade midiática, tradicionalmente ocupados de forma exclusiva por homens cis.

O chamado ao boicote também se fundamenta numa tentativa performativa de manutenção da matriz de inteligibilidade de gênero. O pastor associa o corpo transmasculino à biologia, indexando identidade à necessidade da conformidade linear entre corpo biológico, gênero e expressões identitárias. Esse movimento discursivo busca indexar a ilegitimidade dos corpos transmasculinos arrancando-lhes a possibilidade de exercício da paternidade, da masculinidade e das suas próprias identidades. A presença do corpo transmasculino no papel de pai faz o líder religioso entender como uma afronta aos valores cristãos. A cultura judaico-cristã tem como premissa que a função social dos corpos, supostamente dada por Deus, é a procriação e desta forma, corpos masculinos nascem biologicamente com pênis e corpos femininos nascem com vagina e útero para cumprir esse papel divino de reprodução da espécie, expressão máxima da cisheteronormatividade. Desta forma, o movimento performativo (chamado ao boicote) acontece numa tentativa de impedir a dilatação indexical possibilitada pela campanha em torno dos significados de paternidade e procriação, já que Thammy vivencia a experiência da paternidade desde o início de 2020, através do auxílio de uma tecnologia de reprodução: a fertilização *in vitro*.

A performatividade também aparece quando o pastor convoca “somos a maioria” em letras maiúsculas e em destaque como frase final do chamado ao boicote. A frase sentencia a condenação da campanha e pretende exercer poder numa tentativa de garantir sucesso no chamado ao boicote. O movimento performativo acontece numa tentativa de desautorizar e punir a Natura de forma a se consolidar como um dos principais líderes religiosos no Brasil que atua diuturnamente para barrar avanços nos direitos LGBTI+ no país.

Mas, se há esse movimento discursivo que pretende exercer força performativa para boicotar uma campanha e tentar indexar significados sobre paternidade, masculinidade e transexualidade de modo que



mantenha a estrutura rígida da matriz de inteligibilidade de gênero, expressão da cisheteronormatividade, por outro, acredito que a fricção com a norma e o enfrentamento dos intentos biopolíticos da cisheteronormatividade possibilitados pela realização da campanha seja um caminho profícuo para esperar o futuro, num permanente movimento de transindividuação, nos termos de Simondon (2020).

Nos dizeres de Paulo Freire, na sua pedagogia da esperança, esperar significa construir, não desistir, levar adiante. Nesse caso, resguardadas as reflexões críticas sobre capitalismo e a presença de identidades LGBTI+ em campanhas publicitárias, penso que a fricção com as normatizações tão presentes nos discursos dos líderes religiosos seja uma forma de resistência e de construir um futuro em que todas, todos e todes sejamos, verdadeiramente, livres.

Considerações finais

Neste trabalho buscamos refletir sobre a complexa relação entre individuação, informação, linguagem, gênero e sexualidade. Apontamos que a cisheteronormatividade se apresenta na forma de discursos de regulação e (des) legitimação dos corpos transmasculinos.

Ao nos ancorarmos na filosofia da individuação de Simondon e estabelecermos relações com os estudos da linguagem conectados com os estudos de gênero e sexualidade concluímos que a presença de corpos transmasculinos em campanhas publicitárias gerou um movimento político de setores conservadores que passaram a descontextualizar os objetivos da campanha e a batalhar para manter intacto os sentidos e significados sobre paternidade, masculinidade e família.

Isso é possível porque, por meio da linguagem, os indivíduos expressam uma individuação psíquica que pode apenas reproduzir os saberes de mundo apreendidos dentro do sistema do qual faz parte, ou, por outro lado, esse indivíduo pode assumir uma dimensão transindividual, quando passa a ressignificar e gerar tensões acerca das significações dos saberes e estruturas que sustentam esse sistema. No caso em estudo, refletimos sobre a heterossexualidade compulsória como um sistema que regula a vida dos indivíduos em todas as suas dimensões.

Também percebemos que o movimento discursivo de entextualização (descontextualização-recontextualização) abre caminho para uma tentativa de exercício de poder e controle (performatividade)



de forma que o líder religioso convocou um amplo boicote à empresa, sabidamente fracassado. No entanto, o papel do líder religioso nessa batalha discursiva em rede possibilita a manutenção indexical dos significados atrelados às suas ideologias e do seu grupo religioso. Por outro lado, a simples presença e participação de um homem trans numa campanha de uma grande empresa de cosméticos parece ter contribuído para a dilatação dos signos indexicais sobre paternidade, uma vez que a campanha apresenta, com naturalidade e legitimidade, um corpo transmasculino no exercício cotidiano desse papel e dessa identidade social.

Apesar disso, podemos inferir que os avanços na legislação brasileira em torno dos direitos LGBTI+, como a recente criminalização da homofobia e transfobia, não tem sido suficiente para interromper discursos transfóbicos que ora se sustentam no argumento de liberdade de expressão e ora se ancoram no argumento de liberdade religiosa. As fronteiras entre crime e liberdade de expressão são bastante tênues o que aponta que nossa tarefa humanitária e de avanço no entendimento sobre convívio com as diferenças ainda engatinha num país que vivencia um verdadeiro paradoxo antropológico.



Referências

BAGAGLI, Beatriz Pagliarini. Máquinas discursivas, ciborgues e transfeminismo. **Revista Gênero**, v. 14, n. 1, 2013.

BAUMAN, R; BRIGGS, C. Poética e performance como perspectivas críticas sobre a linguagem e a vida social. **Ilha - Revista de Antropologia**, v. 8 1-2, 1990/2006.

BEM GONÇALVES, C. H. **Por uma performance polêmica: as visadas argumentativas como estratégias de contestação da heterossexualidade compulsória**. 2019. 163 f. Dissertação (Mestrado: Programa de Pós-Graduação em Letras: Teoria Literária e Crítica da Cultura. Discurso e Representação Social) - Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, MG, 2019.

BEM GONÇALVES, Carlos. **Lutas identitárias: discurso polêmico, argumentação e táticas de resistência**. 1. ed. São Paulo: Dialética, 2024a. 136 p. v. 1. ISBN 9786527034841.

BENTO, Berenice. Queer o quê? Ativismo e estudos transviados. **Revista Cult** – Dossiê Teoria Queer – o gênero sexual em discussão, nº 193, ano 17, p.42-46, agosto de 2014.

BLOMMAERT, J. **Discourse: a critical introduction**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

BLOMMAERT, J.; RAMPTON, B. Language and superdiversity: a position paper. In: **Working papers in urban language and literacies**, 2011.

BLOMMAERT, J. From mobility to complexity in sociolinguistic theory and method. **Tilburg Papers in Culture Studies**, paper 103, 2014.

BORBA, R. A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 43, p. 441-474, 2014.



BORBA, R. Linguística queer: uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem. **Entrelinhas**, São Leopoldo, v. 9, n. 1, p. 91-107, jan./jun. 2015.

BORBA, R. Falantes transviadxs: Linguística Queer e performatividades monstruosas. **Cadernos de Linguagem & Sociedade**, v. 21, n. 2, 2020a.

BORBA, R. Linguística queer: algumas desorientações. In: BORBA, R. (org.). **Discursos transviados: por uma linguística queer**. São Paulo: Cortez, 2020b.

BRIGGS, C. Communicability, Racial Discourse, and Disease. In: **Annual Review of Anthropology**, 34, 2005.

BRIGGS, C. Anthropology, interviewing, and communicability in contemporary social life. In: **Current Anthropology** 48, 2007.

BUTLER, Judith. Acerca del término “*queer*.” In Judith Butler. **Cuerpos que importam – sobre los limites materiales y discursivos del “sexo”**. Buenos Aires: Paidós, 2002, p. 313-339. Disponível em: https://www.psi.uba.ar/academica/carrerasdegrado/psicologia/sitios_catedras/practicas_profesionales/824_rol_psico_rha/material/descargas/unidad_2/butler.pdf. Acesso em: 10 ago. 2017.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CAMERON, D.; KULICK, D. **Language and Sexuality**. Cambridge: Cambridge Press, 2003.

DERRIDA, J. Signature Event Context. **Glyph**, vol. 1, 1977.

FABRÍCIO, B. Trajectories of socialization in school transcontexts: discourse journeys on gender and sexuality. **Working Papers on Urban Languages and Literacies**. King’s College, 2012.



FABRICIO, B. A “outridade lusófona” em tempos de globalização: identidade cultural como potencial semiótico. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo (Org.). **O português no século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

LEWIS, E. S. Do léxico gay à linguística queer: desestabilizando a norma homossexual oculta nas teorias queer. **Revista de Estudos Linguísticos do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo**, n. 47, p. 675-690, 2018.

LÍVIA, A.; HALL, K. “É uma menina!”: a volta da performatividade à linguística. In: OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. (org.). **Linguagem, gênero, sexualidade**. Clássicos traduzidos. São Paulo: Parábola, 2010. p. 109-129

MISCKOLCI, Richard. Crítica à hegemonia heterossexual. **Revista Cult** – Dossiê Teoria Queer – o gênero sexual em discussão, nº 193, ano 17, p.33-35, agosto de 2014.

MISCKOLCI, Richard. O que é o queer? **I Seminário Queer** – Sesc São Paulo. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uB8Yd53x51M>. Acesso em 17 de novembro de 2016.

MOITA LOPES, L.P. “Falta homem até pra homem”: a construção da masculinidade hegemônica no discurso midiático. In: HEBERLE, Viviane Maia; OSTERMANN, Ana Cristina; FIGUEIREDO, Débora de Carvalho (Org.) **Linguagem e gênero**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

MOITA LOPES, L. P.; FABRICIO, B.; GUIMARÃES, T. Scaling queer performativities of genders and sexualities in the periphery of Rio de Janeiro in digital and face-to-face semiotic encounters. In: KROON, S.; SWANENBERG, J. (eds.). **Language and Culture on the Margins. Local/Global Interactions**. London: Routledge, 2019.

MOTSCHENBACHER, H. Taking queer linguistics further: sociolinguistics and critical heteronormativity research. **International Journal of the Sociology of Language**, n. 212, p. 149-179, 2011.



PAMPLONA, Renata Silva. **Pedagogias de gênero em narrativas sobre transmasculinidades**. Orientador: Prof. Dr. Nilson Fernandes Dinis. 2017. 336 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/9492/PAMPLONA_Renata_2018.pdf?sequence=4&isAllowed=y. Acesso em: 8 out. 2020.

PENNYCOOK, A. **Language as a local Practice**. London: Routledge, 2010.

SAÉZ, Javier e PRECIADO, Beatriz. Prólogo (Lenguaje, poder e identidade). In. Judith Butler. **Lenguaje, poder e identidade**. Madrid: Editorial Síntesis S.A, 1997, p. 10-13.

SANQUE, Douglas Roberto Knupp. **“Pela família: Múltiplas indexicalidade do signo ‘família’ na comunicação do impeachment de Dilma Rousseff**. Orientador: Prof. Dr. Luiz Pulo da Moita Lopes. 2020. 293 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

SANTOS FILHO, I. I. **Linguística queer**. Recife: Pipa, 2020.

SILVA, D. DA C. P. Materialização discursiva da cis-heteronormatividade em perspectiva escalar: contribuições para a Linguística Queer. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 21, n. 2, p. 280-306, 31 dez. 2020.

SIMONDON, G. **L’individuation psychique et collective**. Paris: Aubier, 1989.

SIMONDON, Gilbert. **A individuação à luz das noções de forma e de informação**. 1. ed. [S. l.]: Editora 34, 2020. 624 p. ISBN 8573267550.

TACHALIAN, Vicente; SILVA, Lucas Guerra da. Controladores de acesso da agenda pública: as construções de masculinidades cisgêneras hegemônicas no panorama pré-eleitoral de 2018 no Brasil. **Revista Gênero**, Niterói, ano 2019, v. 19, n. 2, p. 2010-227, 2019. DOI <https://doi.org/10.22409/rg.v19i2.1259>. Disponível em:



<https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31332>. Acesso em: 10 nov. 2020.

VAGGIONE, Juan Marco; MACHADO, Maria das Dores Campos; BIROLI, Flávia. **Gênero, neoconservadorismo e democracia: disputas e retrocessos na América Latina**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020. 203 p. ISBN 978-65-5717-016-8.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade**. Orientador: Djalma Thürler. 2015. 244 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/19685>. Acesso em: 7 out. 2020.



Transindividuation and discourse in networks:

Abstract: This paper analyzes the discursive battle surrounding the meanings of fatherhood on social media. The presence of a transgender man in an advertisement campaign for a cosmetics company on "Father's Day" triggered a call for a boycott of the company, led by a well-known evangelical neopentecostal pastor. Based on the theory of individuation and connected to a perspective of insubordinate language known as Queer Linguistics, we analyze the effects of meaning in the discourses in dispute. We argue that cisheteronormativity appears in the form of discursive battles aimed at regulating, authorizing, punishing, and (de)legitimizing bodies that can be socially recognized as "real fathers".

KEYWORDS: Cisheteronormativity. Transindividuation. Discourse. Queer Linguistics.

Carlos Henrique Bem Gonçalves

Doutor em Linguística Aplicada pelo PIPGLA/UFRJ. Realiza estágio pós-doutoral na UFSC-PPGL/PIPD-CAPES. Desenvolve pesquisas sobre linguagem, gênero e sexualidade na interface entre Sociolinguística, Pragmática, Antropologia Linguística, Análise do Discurso, Estudos Queers e Estudos críticos da mídia.

Recebido em: 20/05/2023

Aprovado em: 13/01/2025